

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. 500 réis
Avulso 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão—IMPRESA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis.
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 0/0 de abatimento

Os tecelões

Senhor:

A crise que afflige o trabalho da industria de tecidos de algodão portugueza, tornou-se verdadeiramente insuportavel.

Ainda que de longa data se viesse desenhando, é de 1892 para cá, realmente que ella se tem feito sentir d'um modo violento, atrozissimo, agravando-se de cada vez mais a miserissima situação das classes trabalhadoras empregadas n'esta industria.

Segundo a estatística official, a qual foi publicada por diversos jornaes de Lisboa e Porto, em 1905 só no districto do Porto havia 40:000 pessoas empregadas n'esta industria, que são outras tantas victimas! Mas de todo esse enorme exercito de trabalhadores, o qual se divide em diversos ramos de que se compõe esta importante industria, ha uma classe que é a que mais soffre, porque é essa a mais desprotegida — que são os tecelões manuaes; — pois que se é certo que todos os operarios empregados em toda a industria textil, no actual momento soffrem as consequências d'uma crise que assoberba

toda a industria nacional, são esses, os operarios tecelões, que se encontram abraços com a mais horrivel miseria, sem que lhes seja possivel o encontrarem aonde empreguem a sua actividade; pois que, por toda a parte, lhes são vedados os meios de angariar o stritamente necessario á vida, condenados a morrerem de fome e a sua familia, as quaes em muitissimos casos, sem que tenham outro braço que as ampare.

O espectáculo que os operarios tecelões teem offerecido ao mundo inteiro, não pôde ser mais lamentavel. Pelas ruas da cidade, todos os dias, se encontram dezenas e dezenas de famintos tecelões ostentando os farrapos da sua miseria e o macilento palor das suas faces mirradas pela fome, e já contaminados pelo terrivel flagelo da tuberculose.

As suas companheiras, acompanhando-os n'aquella terrivel jornada de dôr, aconchegando os filhinhos nos magros peitos, aonde borbulha, em vez de leite, gotas de sangue envenenado pela atmosfera lóbrega e silente das mansardas anti higienicas sem luz e da falta de alimento. Que tristes e pungentissimos quadros de dôr offerecem a cada momento! . . .

Homens ainda validos, — mas que foram substituidos pela mulher do campo — estendendo a

mão para implorar uma esmola para mitigar a fome aos filhinhos que, quasi que rúis, os acompanham morrendo de fome e cansaço pelas longas caminhadas! . . . Em constantes e quotidianas peregrinações pelas aldeias fóra, pedindo um bocadinho de pão aos trabalhadores do campo, porque nas cidades nem sequer já lhes é permitido mendigar, pois que a cada passo são perseguidos pela policia. Que tristissima e desesperada situação a d'estes desgraçados!

Porventura a culpa será d'elles? Não.

A culpa é d'aquelles que só tendo em vista o substituí-los pelas mulheres de campo e pelo desenvolvimento da mecanica, os lançam á margem como se elles já valor não tivessem de qualidade alguma. Quando é certo que, com alguns sentimentos humanitarios e um pouco de estudo e boa vontade, e com o auxilio ou interferencia dos governos e melhores sentimentos por parte da classe industrial, se poderia ter atenuado muito a miseria dos tecelões.

Pois sendo Portugal um paiz que tem uma agricultura a estiolar-se, e aonde a industria definha em geral, — um paiz, em verdade, pessimamente administrado, sugado pela finança e pelos tentáculos dos monopolistas e *trustistas*, é claro que as massas populares e

trabalhadoras, condenadas á miseria, ficam violentamente inhibidas e privadas do strictamente necessario á existencia: o consumo restringe-se ao minimo; os mercados reduzem-se á mesquinhez e penuria extremas.

Os industriaes textis cometeram, pois, á sombra do proteccionismo e, na ancia do seu ganancioso egoismo, um funesto erro economico, pelo exorbitante alargamento industrial, multiplicando as fabricas, os teares, o pessoal indefinidamente; sem de par e passo, procurem conquistar mercados externos em competencia com os colegas estrangeiros, pela inteligencia, actividade real. Mas tem feito o contrario, alineando pela estúpida cupidez desenfreada, criminosa, os nossos proprios mercados africanos, de que foram corridos vergonhosamente pelos indigenas que abriram naturalmente os braços aos estrangeiros.

Os nossos industriaes textis perderam todas as esperanças de conquistar: o credito, a honra, a probidade, uma vez perdidas, nunca mais se recuperaram.

Agora tentam resacir-se á custa dos operarios e do publico. Para isto, exploram de preferencia a mulher e as creanças, mais faceis de escravisar, e a gente dos campos suburbanos,

roubando á agricultura gente que se sujeita pelo mais ridiculo e miseravel salario, que nos operarios da cidade, onde a vida é pavorosamente cara se torna de todo impossivel.

Fizeram simultaneamente a introdução do maquinismo extraordinariamente excessivo, não primando pela qualidade. Por outro lado, como a astucia, n'este regimen de concorrência, não tem limite, recorre-se a varios expedientes, como a fraude na materia prima, a luta desleal no mercado, etc., e quem soffre, quem tudo paga é fatalmente o produtor.

Mas não é justo nem humano. Não pôde nem deve por mais tempo protelar-se esta penosa e desesperada situação de um numero imenso de operarios que nenhuma culpa tem d'esta enormidade escandalosa, e que morrem de fome, emquanto os senhores que recorrem a todos os processos e habilidades indignas de exploração, continuam todavia a locupletar-se, a opulentar-se, amontoando fortunas á custa do trabalho, á custa da miseria dos operarios.

Mas os snrs. industriaes não se contentam nem com pouco nem com muito: querem tudo! Reclamam, voz em grita, uma reforma pautal da mais alta protecção, uma pauta alfandegaria para a industria textil absoluta-

FOLHETIM

O REI

A flôr pôde nascer no sitio mais impuro,
Ou seja sobre o lôdo, ou seja num monturo;
Pôde viver, florir, banhar-se em luz e côr,
E ser em toda a parte e sempre a mesma flôr.
Nascida sobre a lama ou pregada num peito
Rendado de mulher, artistico, perfeito,
Abrir da mesma fórma as pétalas doiradas
A' luz do sol poente e á luz das madrugadas.

Um rei, só pelo ser, deixa de ser humano,
Que um rei, por menos rei que seja, é um tyrano,
Porque detém a luz, a força d'uma ideia,
Constrange a liberdade e mete-a na cadeia.
A voz da multidão é-lhe odiosa e passa
Na boca do rebelde o laço da mordada.
Suppondo-se um destino, uma missão, não vê
Aquelles que não têm como elle a mesma fé.
Que importa que elle seja um coração perfeito,
Se tem de viver fóra e p'ra além do direito?
Que importa seja puro e claro como a luz,
Tenha a alma de Platão, ou tenha a de Jesus,
Se elle não pode ser um homem como nós,
Erguer nas multidões um dia sua voz,
De xar um throno ideal por uma cruz maldita,
A cruz do condenado, e elle não evita
O mal de ter nascido? Acaso, no instante
Em que, num gesto belo, artistico e elegante,

Nos ministra um veneno, é menos assassina
A mão que se nos mostra alvenitente e fina?
Reinar é constranger a vida livre, embora
A c'roa possa ter scintilações da aurora
N'uma cabeça linda e viva de creança;
Que a liberdade morre e o mundo não avança
Emquanto fôr um rei o ponto de partida
Para se conquistar a perfeição na vida.

O' limpida creança ingenua e delicada;
Que foram colocar num throno em derrocada:
Que sonho te alimenta a vida generosa
Para que possas ver o mundo côr de rosa?
Como é que tu pudeste, ó rei sonhar ainda
Essa chimera ardente, aureolada e linda,
D'um rei feito de amor, vivendo pelo amor
E sendo para o povo apenas o senhor?
Abre os olhos á luz, penetra na verdade.
Deixa-te repassar da grande claridade
Que desce ao coração das coisas naturaes.
E's rei, vê como rei; ser homem vale mais.
O mundo para nós, a quem nunca envolveu
A purpura real, é diverso do teu.
Vem d'ahi, vem-n'o ver travez do nosso olhar,
Na sua agitação, fremente como o mar.

.....
Não se pôde viver o sonho que tu queres.
Que importa que te aclame o riso das mulheres,
Que ellas cubram de amor e rosas tua fronte
E beijem teu olhar? Que importa que o horisonte
Te pareça tranquilo e ju gues que teus pés
Assentam bem no chão? Que importa, se tu és
Um ramo sem vigor d'uma arvore tombada,
Se tu és uma sombra, uma ilusão, o nada?

Ah, se fosse verdade! O' rei se alguma vez
Pudesses compreender a vida que não vês!
Se tens no coração ainda alguma fibra
Que ás vezes se distende e que estremece e vibra;
Se é limpida a tua alma e tens dentro de ti
O que nos ilumina e encanta e nos sorri;
Se é puro como o nosso o teu olhar sereno
E odeias, como nós, o mal esse veneno
Que anda no proprio ar que todos respiramos,
E se amas como nós tudo o que nós amamos;
Se tens aspirações, desejos, ideaes,
Que a condição de rei matou p'ra nunca mais;
Liberta o coração, que te pulsa no peito,
Resgata-o pelo amor, sê homem, sê perfeito.
Anda aspirar, colher, as rosas dos caminhos.
Procura interpretar a musica dos ninhos,
Nupcial, arrulhadora, ardente — o amor das aves!
Anda d'ahi sorver os effluvios suaves
Que sobem para o ar da natureza inteira.
Anda aprender com ella a vida verdadeira.
Inunda-te de sol, ergue a cabeça loira
Entre a messe estival que a luz do dia doira.
Anda setir-te irmão das aguas e das plantas.
Anda d'ahi cantar a vida que não cantas.
E, em plena liberdade, ouvindo murmurar
As vozes que ha na terra e as vozes que ha no ar,
Adormecer depois, que o amor assim o quer,
Na curva sensual d'um colo de mulher!

Mas não, que pode mais em ti a propria casta . . .
A vida natural e simples não te basta.
A natureza tem para ti outras leis.
Tu és um rei, serás como todos os reis.

Campos Lima.

mente proibitiva. E com ella o que succedeu? Senhores absolutos do mercado, são livres d'espolar, esfolar arbitrariamente o publico, sem apelação nem agravo, e esta industria, em vez de progredir, não produzirá senão monos.

Aos operarios que garantia alguma têm, já de ha muito esfolam, sugam á sua vontade. O que desejam agora á sua vontade é devorar o consumidor. E elles hão-de, com dialectica hypocrisia e influencia caciquina, forçar o Estado á ultima concessão e privilegio, iludindo e burlando toda a gente, como sempre tem feito.

Ora, se os industriaes— que se tem mostrado ineptos e menos probos na sua industria, e que se enriqueceram, rapidamente, deste modo—se julgam no direito de, em nome da protecção contra tudo e todos,— que direito e que justiça não deve assistir aos trabalhadores?! que razão, verdadeiramente, não têm tantos milhares de operarios,—mais de 100.000 produtores sugados pela avidéz insaciavel de alguns senhores!

E' por isso que, por seu lado, os operarios tecelões do norte, vendo que os industriaes exigem para seu exclusivo proveito, a reforma pautal, pedem que tal reforma não seja outorgada sem que aos mesmos operarios e por intermedio das associações de classe, como unicas representantes dos interesses economicos do operariado lhes seja garantido por lei, a par da protecção pautal para a industria de tecidos d'algodão, garantias de protecção que lhes garantam estabilidade, como salvaguarda do seu futuro e de suas familias. Não succedendo como em 1892, em que os operarios foram e tem sido, muitas vezes ludibriados.

Senhor:—Encontram-se actualmente, segundo uma noticia ha tempos publicada no jornal «O Seculo», para cima de 10.000 operarios sem trabalho, e que pertencem á industria textil. Sendo em nome dos operarios que o industrialismo reclama do Estado a protecção da pauta, assim como fez em 1892; mas o que os operarios tambem estão convictos é que com uma nova pauta, por mais proteccionista que ella seja para a industria, se o Estado por sua vez não decretar medidas de protecção de reforma a garantir-lhes o seu futuro; com o desenvolvimento da industria e com o aperfeiçoamento da mecanica, dar-se-ha o mesmo exemplo.

O enorme exercito dos sem trabalho, cada vez ha-de ir augmentando, apesar do industrialismo afirmar o contrario.

E por isso, a Associação de classe dos Operarios Tecelões do Bairro Ocidental do Porto, vem perante V. M., para que não seja promulgada a reforma da pauta sem que por sua vez, aos operarios, lhes seja garantido por lei a estabilidade no futuro e uma melhoria de situação mais em harmonia com as exigencias e encargos segundo a epoca; e que para tal fim sejam consultadas as associações operarias, para que os mesmos, como representantes dos interesses dos operarios, e com os conhecimentos tecnicos de que dispõem, apresentarem

basilarmente o minimo das suas justissimas reclamações.

Porto e secretaria da Associação de classe dos Operarios Tecelões do Bairro Ocidental, 30 de novembro de 1908.

A Direcção.

As eleições paroquias

Todos os fenomenos politicos da sociedade portugueza devem a sua parte melhor de vitalidade, de efervescencia e de afirmação de vontades, ao trabalho meritorio, insubmersivel e forte do partido republicano. As eleições paroquias, tradicionalmente abandonadas pelo eleito-rado, são um exemplo a mais da existencia e da impulsão reconstrutora republicana; pois foram os eleitores republicanos quem tornou um facto inequivoco a concorrência a essas eleições, creando-lhe por assim dizer o seu reconhecimento como entidade social. Deu-se com ellas o que se tem dado com todas as manifestações de carater civico—originando-se em educação inconciliavelmente adversa da monarchia, e como consequencia provocando em aspiração, e em protesto, as poderosas correntes da força popular culta, exteriorizada contra o rejime. As eleições paroquias, em Portugal, não chegariam a realizar-se, se não tivessem os monarchicos como opposição os republicanos, dando-lhes ou aceitando a batalha, justamente onde a rabulice, talvez, aconselhasse o contrario, se de tal vivessemos; e não da obrigação social que dimana da nossa condição d'homens e do nosso logar politico. O mesmo se tem dado, e continuamente se dá com as eleições de deputados e de camara, o partido republicano luta em toda a parte para disciplina e educação do votante e para dignificação das eleições, não sendo primeiro ponto o ganhar; mas sim primaria, magna questão:—o educar. Os monarchicos lutam para ganhar, exclusivamente, não sendo outro o seu fim ou abandonam as urnas; ou fazem do seu exercicio por mil mentiras, mil presções, e por toda a sorte de abuzos, definitivamente, uma burla.

Não lhes damos novidade, eles sabem-no, chegam em hora de ostracismo a confessional, mas sempre se irritam quando o dizemos alto e bom som.

Tenhemos paciencia... e progamos.

Nestas eleições da semana finda, mais uma vez, deram razão ao que aqui se escreve.

Em toda a parte onde d'antemão sabiam que eram vencidos prudentemente abstiveram-se da luta, em toda a parte onde tinham a absoluta certeza da victoria não realizaram as eleições; e onde, obstinadamente, queriam vencer duvidando dos resultados, praticaram para alcançar a victoria os processos da ameaça, da corrupção, da violencia, pelos quaes será possível o conseguimento do fim; mas pelos quaes, certamente, se ame-quinha e desvaloriza o obtido triunfo. Assim foi em Lisboa, abandono da eleição nas assembleias provadamente in-

ferencia dos recursos viciados onde havia a incerteza do final; assim foi no Porto, onde em todas as assembleias os monarchicos se bateram contra os republicanos em manifestas condições de deslealdade, de violencia, de suborno; assim por todo o resto do paiz, salvo um ou outro episodio sem significação e sem valor critico. No Porto é que as eleições despertaram as atenções e os cuidados jeraes.

Contra o partido republicano coligaram-se, lá, todos os grupos monarchicos:—desde o vermelho da dissidência e a côr de bandido do franquismo, até ás adeantadas côres rotativas, até aos tons cristianissimos do ultramontano nacionalismo. Misturaram-se, num pacto de cumplices e equivalentes, os representantes do alpoínismo radical—extrema esquerda monarchica—com os conservadores de Jacinto Candido e com os tiranos de hontem—os francaceos; misturou-se a dissidência da campanha dos tabacos e da demolição rotativa aos atirados ao circo durante a vespera, aos acuzados de crimes desde ladrão para cima, e essa rotatividade, que o franquismo lançára ao cisco como excremento, houve por bem assimilar e fundir tudo aquilo—para lutar contra os republicanos, para vencer. E todos unidos, recorrendo, apesar da aliança, aos mais abjectos meios de apanhar votos—conseguiram no Porto em toda a linha vencer dessa derrota republicana—que o não é em ultima análise, visto a eleição não ter sido a resultante do voto livre—se nós temos de considerar alguma coisa notavel, é a situação clara que se crearam todos os partidos monarchicos—para separadamente, de facto, já não existem como individualidades carateristicas. A lojica diz que unido se para eleger, taes partidos, unidos, devem de ser o governo, e assim não ha razão de existirem como progressistas, ou rejeneradores, ou franquistas, ou dissidentes, ou nacionalistas:—mas sim e niveladamente—como monarchicos. Que abatem pois as suas bandeiras e que ponham termo, como os dissidentes, á falsificação de programas e intenções de governo destoantes da aliança em que vão metidos. Que sejam monarchicos—todos o mesmo—está bem; é lojico, e resulta coerentemente da sua attitude publica. Que todos em sociedade (e quizerem sob a razão social de—o Bloco...) admistrem, legislem, executem e policiem:—aniquilando o republicanismo se lhes for possível; e tanto quanto o possam fazendo com que Portugal viva desafogadamente, progrida e algum sensato esforço lhes deva.

Nem todos unidos o conseguirão, mas acabou-se, ao menos é para que findem de vez as mentiras, as mascaradas que nos rodeiam.

Esclareça-se tudo—e já será bom...

ECOS DA SEMANA

Um pormenor

A guarnição de Lisboa formou á espera do rei completamente municada, e aquela nos-

sa policia, tão intelijente quanto sensata, com as patronas dos seus Smiths a abarrotar de balazios não fez falta na receção. De modo que, está-se a vêr... Meia duzia de exaltados, ou de comparsas, desatava em vivos á liberdade, á Republica, aos fuões, e apanhado desprevenidamente, o povinho caia no logro de secundar. Caiam-lhe entãc no lombo os sabres e os revolvers da nossa querida policia, e, como não é do bom tom uns molharem a sopa e outros só assistirem, a municipal, bem apetrechada, entraria por fim na dança.

Resultado:—uma chacina tremenda, e na madrugada seguinte uma ditadura á teza, para «meter nos eixos» o admiravel povo de Lisboa.

Era fatal, simplesmente se meia duzia de desocupados mirones, tivesse a lembrança facil de vitoriar o Antonio J. de Almeida. Talvez alguém contasse com isso e acaminhasse o reles plano, talvez... que não seria o primeiro! Mas se assim era—que bom, ter ficado, esplendidamente,—comido.

Os Patrões

No Porto operarios de estabelecimentos fabris foram despedidos por não terem, nas eleições paroquias, votado a lista monarchica! Todo o patronato portuense tristemente se revelou grosseiro e tiranico, dando-nos o aspecto hediondo de uma rebarbarização, que, em qualquer terra,—seria a vergonha publica. Depois da celebre circular obrigando o operariado a fazer manifestações monarchicas a D. Manoel, completando-a, e ilustrando-a, o voto do proletario imposto á moda de ukase: «vota ou és despedido. Submete-te ou córto-te os viveres». A grande maioria, evidentemente, humilhou-se e acedeu—que remedio... Um ou outro revoltou-se: «ólho da rua, e encha a barriga guisando o carater com as convicções...»

Tal a brandura dos nossos costumes, tal a condição do homem, no Porto, neste alvo-recer da Eidade Nova!

Abade-burricas

Da Silva Pinto, na «Voz Publica»:

Tem sido muito apreciada—bendita e louvada—a composição poetica do padre Gaspar Roriz, de Guimarães: o hino Nacional. Principalmente este chorudo naco:

«Surja altiva a nossa historia
Neste tão faustoso dia!
Cante o povo hinos de gloria
No berço da monarchia. (Bis)»

Zurre no berço a ralé! E bis e tris, fantastico levita!

Que até póde cair um raio, sobre um tal odre de sandice! A' vida!

Um documento

Publicamos hoje, no logar de honra, a representação dos operarios tecelões do Porto a D. Manoel II, apóz suados esforços entregue ao regio destinatario. Para a historia da vida portugueza no principio deste seculo é, essa representação, um valioso subsidio; e durante as trez semanas de festarolas...

á Patemkim o unico trabalho serio, sincero e honesto, que o monarcha terá de lêr—cazo se o não perdeu ocasionalmente, ao fazer as malas da despedida.

«Jóias» da mocidade real

Sabado, no Porto, oito querelas contra os nossos distintos colegas «O Norte» e «A Voz Publica» cada um mimozado com quatro adeuses d'aquela graciosidade tão festejada pelos canastras, graciosidade que constitue, com os outros, um privilegio sacro da familia.

Pois é assim mesmo, em plena beleza da mocidade, e em maré cheia de liberalismo; a liberdade parecendo-se infinitamente com as perseguições do franquismo; e até a mocidade simpaticamostrando *échiquier* um conhecimento muito de gabar em menino e moço. Oito querelas em um só dia, destes pequenos que vão correndo, e sendo tão desculpavel a acuzação, tão desculpavel como quem... apanhe o primeiro pretexto do lobo a mail-a ovelhinha!...

Melhorámos, não ha que vêr. Para peor—e a procissão vem no adro...

Em Agueda

Ao que nos consta vae haver naquella bonita terra para muito em breve um bom comicio de propaganda republicana, e nós, que não poderemos ir festejar os nossos amigos d'Agueda, teremos de contentar-nos com a noticia, na imprensa. O que é certo, para esses nossos correligionarios, é apanharem um bom dia de jubilo, bem justamente merecido pelo magnifico exemplo que tem sido, cá no distrito, de sacrificios, de intelijente e persistente trabalho, de atividade renovadora. Por isso que sejam felizes, o que é de esperar, pois tem feito por sê-lo, a valer.

Biblia Nova

«Quando lhes faltarem recursos de publicidade para as suas ideas, e apenas dispuzerem de uma migalha de papel de trez centimetros quadrados, escrevam ali a palavra Republica, e deixem o papelinho na rua. E' propaganda util: temos a hipoteze de um filho do povo lêr aquella palavra e demorar n'ela o pensamento».

Fernando Garrido.

A camara municipal

Tomou posse a nova vereação que ha-de gerir os negocios municipaes até ao fim do anno de 1910.

Composta da quasi totalidade dos vereadores da camara anterior, com dois novos elementos do mesmo partido politico tendo á sua frente como presidente e seu chefe que já presidia á outra camara, é de prever que terá a mesma orientação e administração, o mesmo modo de vêr e as mesmas opiniões em tudo o que como municipes nos interessa.

Por mais d'uma vez tem este jornal discordado d'esse modo de vêr e d'essa orientação e então como sempre, pondo acima dos interesses partidarios, os interes-

ses do município que afinal nas questões d'administração local são os mesmos, discutiu com lealdade e com a liberdade de crítica e d'opinião que nunca abdica e que certamente a causa será a primeira a reconhecer, tudo o que julgou necessário discutir.

Animou-se por vezes a discussão como acontece sempre que convictamente se defende, como melhor, uma ideia, uma opinião. Animar-se-ha amanhã se o proceder da camara não for na humilde opinião d'este jornal o mais conforme com o que elle julga ser benéfico para o concelho.

Mas então, como hontem e hoje não deixaremos por espirito partidario que—repetimos—n'estes assumptos não temos, de concordar e até louvar a vereação por todas as resoluções que achamos boas e sensatas. E' isto que pede o consenso, a lealdade, razão e a justiça e de nenhum d'elles nós devemos nem queremos afastar-nos.

Se relembremos n'este artigo o que em tantos outros temos affirmado e ainda por nossos actos não desmentimos, é porque da mos hoje uma prova da coherencia dos nossos actos com as nossas opiniões.

E' assim é que com extraordinario prazer registamos a resposta da nova camara á commissão executiva da Misericordia d'Ovar.

Promettendo satisfazer a todos os pedidos que a commissão preparatoria por intermedio da sua executiva e em nome do povo do concelho d'Ovar que n'ella delegára todos os poderes lhe fez, com umas restricções razoaveis e com a exigencia de garantias que um individuo pôde dispensar a outro, mas que uma corporação deve exigir a todos, a camara conquistou n'este ponto as sympathias dos muncipes porque interpretou os seus desejos.

Um ponto, porém, ha que desejamos frisar: quando por aquella commissão foi solicitada a sua cooperação em tudo o que fosse julgado conveniente para bem da futura instituição, respondeu que estaria sempre ao seu lado e em tudo a auxiliar porque *considerava isso um dever*, por os benefícios que d'ella adviriam ao concelho.

Perfeitamente; é assim mesmo. Não sabemos nem queremos saber se á camara importam as nossas opiniões.

Queremos apenas que se saiba que adversarios politicos intransigentes como temos sido e continuaremos a ser da camara, mas acima de tudo sempre leaes, achamos que a camara procedeu bem e comprehendeu e interpretou o sentir e pensar do povo do concelho que ella legalmente representa.

E' porque o sentimos, o dizemos.

Carta d'Oliveira d'Azemeis

AO REDIL

Com a viagem de Sua Magestade D. Manoel II a terras de Oliveira d'Azemeis, vimos mais uma vez demonstrado quanto vale a consciencia dos rotativos e quanto de sinceridade ha nas manifestações politicas ao seu chefe supremo. Um documento lemos

nós que traduz fielmente o immundo character que presidiu á sua redacção, character fundido em sessão intima dos fortes esteios da monarchia portugueza, d'aquelles espiritos que se lembraram, depois de tantos annos d'existencia, vir em cômicio publico explicar em elogios mentirosos o que era a constituição reinante.

E' um officio emanado dos Paços do Concelho aos regedores e abbades para mandarem o povo das suas freguezias a fazer manifestações expontaneas a D. Manoel, a esse rapaz que deixa transparecer na sua pallidez morbida as saudades pelos brinquedos de creança. Em obediencia de rebanho lá vae no dia marcado toda essa pobre gente apresentar-se ao commandante que em absoluta necessidade d'um cuspir constante se alegrava ao vêr já sobre tantos cerebros vendidos uma commenda ao seu merito de... caçador. E foi assim que conseguiram coalhar de gente o largo da Cadeia e a rua principal da villa.

Mas não bastava mostrar ao Sr. D. Manoel que o concelho d'Oliveira era bastante povoado; mais alguma cousa, o principal, era preciso que o monarcha soubesse. Era indispensavel que toda essa multidão a toda a força pulmonar atordoasse os ares em vivas á monarchia. Era a prova mais arriscada, de que os caciques tremiam ao pensar. Coragem e mais coragem era o conforto mutuo que saía da bocca dos majoraes, que, em sorrisos forçados e em palestras sem vida, esperavam o momento decisivo.

Souo finalmente a hora em que Sua Magestade se havia de apresentar ao povo e este dizer-lhe em gritos altisonantes que era monarchico d'alma e coração. Lá do alto da ultima varanda media dos Paços do Concelho, tendo por cupula as armas reaes do edificio, appareceu uma creança loura, pallida e fria, levantando em movimentos de enfado a mão em continencia. Tivemos então compaixão da pobre creança por tão cedo a vêr roubada das suas tearas primaveras, e talvez tivéssemos chorado se os nossos olhares não tivessem encontrado ao seu lado um fraco relojoeiro que, em apresentação de tablado de feira, quiz convencer o respeitavel publico de que, tirada a mola-real, os ponteiros do seu grande relógio, ha tanto tempo desnorteado, seguiriam uma marcha isochrona. Esse vulto, um pouco afastado do monarcha, ia chamar á prova real toda essa multidão que, ensinada na vespereira, não deveria ter esquecido o seu pequeno mas importante papel de gritar—Viva! Viva!! Estendendo o braço tanto quanto pôde e escancarando as roucas fauces, esse habilidoso actor principiou a soltar em malsonantes berros os vivas do estylo.

Hora solemne em que toda a nau de papelão se ia afundar, se a onda humana não fosse ainda mais uma vez misericordiosa. Soltos os vivas pelo regente da orchestra, o povo, contemplando boquiaberto o menino (era assim que alguma gente chamava a El-Rei) não se lembrou do recado, esqueceu se involuntariamente das ordens dos senhores.

A onda humana deixou de ser bondosa e o papelão da hypocrisia rasgava-se n'um magno es-

tenderete. Sua Magestade viu bem a mentira, viu que o povo era um grande rebanho que o pastor, não de flauta na bocca, mas n'um espumar de vinganças, diriga a seu bello contento, ou para melhor dizer, a seu esplendido proveito. E não somos nós os unicos que assim pensamos.

A propria natureza enviou, no momento do cortejo chegar ao fim calçetado do largo Municipal, dois carneirinhos que se dirigiam para a porta principal dos Paços do Concelho, tão tranquilos e tão vagarosos como se entre irmãos caminhassem para o redil.

27—XI—908.

Z.

NOTICIARIO

Dia a dia

Passa hoje seu anniversario natalicio a menina Albertina de Jesus Marques, uma das mais sympathicas e insinuantes tricatinhas da nossa terra. Conjunctamente com o nosso cartão de felicitações, lhe apresentamos a homenagem da nossa consideração.

Tambem faz annos no dia 13 o sr. Manuel Antonio Lopes, pelo que o felicitamos.

Fallecimento

Na madrugada de 3 do corrente succumbiu aos estragos d'uma congestão a sr.^a D. Emilia Araujo do Espirito Santo, virtuosa irmã do nosso presadissimo amigo dr. Francisco Ferreira d'Araujo, considerado industrial em Lisboa.

A extincta era uma senhora cheia de bondade e como protectora caridosa que foi da judicencia, a sua morte causou grande consternação aos desprotegidos da fortuna, que por sua vez a veneravam e justamente bendiziam.

O saimento realisou-se n'aquelle mesmo dia ao anoitecer com assistencia numerosa, pegando ás fitas do athaude, que era conduzido por irmãos pobres da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, os srs. dr. Antonio dos Santos Sobreira, dr. João Maria Lopes, Frederico Abragão e Angelo Lima.

A chave foi entregue ao sr. Antonio Soares Pinto.

O feretro ficou depositado na igreja parochial, afim de ser presente aos officos funebres que alli se celebraram na manhã seguinte.

Foram depostas as seguintes corôas e bouquets:—Uma de myosotis, avenca, suspros, crisantemos e lirios com a dedicatória «Saudades de suas irmãs»; outra de rozas, lilazes, amores perfeitos e violetas com a dedicatória «A sua querida irmã. Saudade infinda. Antonia e Araujo»; outra de lilazes, lyrios, avenca, crisantemos e violetas com «Saudade de sua cunhada e sobrinhos»; de martyrios, a nores perfeitos, myosotis, lilazes e lyrios com «Recordação da familia Valente»; outra de margaridas, amores perfeitos, myosotis e violetas com «Ultimo adeus de seus queridos sobrinhos, outra de lyrios, violetas e amores perfeitos com «Saudade e gratidão de sua filha Emilia Proença, seus paes e irmãos»; um bouquet de

rozaz, margaridas, avenca, malmequeres e myosotis com «Lágrimas de suas creadas Maria e Maria José», e outro de rozas, e lilazes, violetas com «Gratidão de suas creadas Anna e Anna Rosa».

A familia da virtuosa extincta a expressão do nosso pesar.

—Tambem se finou no dia 7 um filhinho do sr. Antonio Maria Valente Pereira Rosa, habil artista d'esta villa.

As nossas condolencias.

Associação de Socorros Mutuos

Por falta de maioria de socios, não se realisou domingo passado a assembleia geral d'esta associação para a eleição dos respectivos corpos gerentes para o anno de 1909, a qual terá logar no domingo, 13, immediato, pelas 11 horas da manhã com o numero de socios que comparecerem.

Festividade

Na igreja parochial effectua-se domingo proximo a festividade dedicada a Santa Luzia, a qual consta de exposição do Sacramento, missa solemne a grande instrumental, de manhã, e de tarde de ladanhas com musica e sermão pelo abbade de Guetim, havendo no final no adro da igreja arraial, em que se faz ouvir a philharmonica Ovarense até ao anoitecer.

Contribuição industrial

Termina hoje o prazo concedido aos individuos collectados na matriz industrial que não exerceram o seu mister o anno completo para pedirem a annullação d'um ou mais trimestres correspondentes ao tempo que não exerceram essa industria.

A Discussão

Tem este nosso colega, eloquentemente, noticiado a abertura e funcionamento do curso escolar pelo methodo João de Deus. Com intelligencia e justiça prestou, assim, a homenagem que á benemerita Associação das Escolas Moveis todos os portuguezes devemos, e fê-lo, sem que o facto da escola funcionar no centro republicano local e com o seu curso—lhe aproucasse a meritoria significação. Ora isto é para archivar com prazer e dando-nos a evidencia de um digno discernimento—é para agradecer, para louvar decididamente.

Misericordia d'Ovar

As commissões delegadas da commissão executiva, iniciaram já os seus trabalhos de angariar donativos pelas ruas da villa, para a fundação da futura misericordia d'Ovar.

Estas commissões tem sido afortunadas, o que era de esperar, na sua altruista faina e toda a gente, recebendo-as com a consciencia da admiravel obra de caridade que vem a tornar-se o seu esforçado labor, acolhe-as com sympathia, com visível agrado e com esperanca da boa vontade.

Tem sido boa e significativamente enobrecedora dos sentimentos do nosso povo a colheita de dadas obtida. Ninguem se escusa e todos no ambito dos seus recursos concorrerem.

Os proprios pobres dão o exem-

plo da generosidade e sabe Deus quantos desarranjos no orçamento caseiro pela offerta humilde mas cheia de grandeza e exemplarmente instructiva.

E' inevitavel, pois. A misericordia d'Ovar será um facto infallivelmente.

Syndicancia ao correio—Esclarecendo.

Sendo commerciante em Ovar, embora sem destaque, prezo-me de o ser, honrado e trabalhador (sem vaidade); e, como pelo «Jornal de Ovar» de domingo ultimo são vilmente injuriados todos aquelles que se queixam do bom serviço do correio d'esta villa, a proposito de uma syndicancia, ou causa parecida, que ali se realisou, tenho a declarar ao publico que mantenho em absoluto tudo que perante o ex.^m sr. Inspector disse, e que desafio aquelle redacção ou o chefe do correio d'Ovar a provarem que falseei a verdade.

Declaro mais que, em 6 de setembro de 1906, na minha casa commercial dei conhecimento ao chefe do correio perante testemunhas que havia selos do porteador com o seu valor alterado, e admittindo que fosse este cavalheiro quem requereu a tal syndicancia, lamento que esta levasse apenas 26 mezes a chegar, para se apurar as devidas responsabilidades. Tambem será isto zelo? Talvez?! Porque a justiça, segundo diz o «Jornal d'Ovar», é só pedida pelos desqualificados.

D'este facto e de outros de minha que xa dei conhecimento, em 4 de setembro de 1906, aos directores d'aquelle jornal, e achando suas ex.^{as} rapida a vinda da subdita syndicancia (2 annos e 2 mezes), concordam que tudo isto tem—força de lei, de zelo e de... virtudes annexas.

A casa Carrelhas & Filho, Successor, está estabelecida, ha vinte e tantos annos e, para honra minha, é bem conhecida; mas pelo facto de pedir o cumprimento da lei, ficou sem destaque e eu sou um vil calumniador. Pois bem, para esclarecer, convido a redacção d'aquelle jornal a declarar qual a macula que conhece na minha vida particular ou commercial, e se tal não provar fica sub-entendido que não é aos que pedem o cumprimento do dever e da cortezia, que pertencem todos aquelles nomes lindos com que brinda os que-xosos.

Em consciencia, bem sabe o jornal e o seu director politico, que se aquillo fosse uma syndicancia, não se pediria castigo para os que só pedem justiça.

O seu a seu dono.

Ovar, rua das Figueiras, 4 de Dezembro de 1908.

Fernando Arthur Pereira.

ANTIGA OURIVESARIA

PLACIDO O. RAMOS

Joé Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, próprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, paliteiros, cinzeiros, argolas para guardar napos, etc.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda neste estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares
COM

ARMAZEN D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e vram cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.^o

COM

DEPOSITO

DE
Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.	
												Este comb. e novo
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	2,45	3,33	5	5,40	8,45	
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	3,40	4,31	5,39	6,41	9,46	
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	—	4,46	—	6,58	9,53	
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	—	4,52	—	7	—	
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11	—	4,59	—	7,11	—	
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	—	3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.	
												MANHÃ
Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	6,9	—	—		
Vallega	4,48	—	—	—	11,43	—	—	6,14	—	—		
OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	5,35	6,23	—	11,4		
Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	5,46	—	—	—		
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	5,51	—	—	—		
Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	5,57	6,38	—	11,18		
Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	—	2,39	6,14	6,51	10,34	11,28	
S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47	—	3,18	7,15	8,1	11,16	12,26	

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recibidos das propriedades do Ill.^{mo} Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600.000\$000

Emitido 320.000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na Tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.